

DESVALORIZAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES

PROFESSIONAL DEPRECIATION OF TEACHERS

DEPRECIACIÓN PROFESIONAL DE MAESTROS

Alice Nantala Pereira Monteiro

Universidade Federal do Pampa

ORCID - <https://orcid.org/0000-0001-9361-448X>

Bárbara Regina Gonçalves Vaz

Universidade Federal do Pampa

ORCID – <https://orcid.org/0000-0002-9659-0062>

Rafael Silveira da Mota

Universidade Federal do Pampa

ORCID – <https://orcid.org/0000-0003-0140-6996>

Resumo: O presente artigo tem o intuito de conhecer as formas e os motivos para valorizar um professor. Seu propósito principal é considerar que a valorização docente é importante para uma educação de qualidade. Este é um trabalho qualitativo, escrito através de uma metodologia bibliográfica. A principal causa da desvalorização profissional são as mudanças na sociedade, das quais modificam o trabalho docente e como não se pode parar essas transformações, os próprios professores devem começar a valorizar sua formação, para que a sociedade passe a além de falar sobre valorização a efetivamente apreciar os professores, para que assim condições melhores de trabalho possam chegar até as escolas.

Palavras-chave: Valorizar. Educação. Trabalho.

Abstract: This article aims to know the ways and reasons to value a teacher. Its main purpose is to consider that teacher appreciation is important for quality education. This is a qualitative work, written using a bibliographic methodology. The main cause of professional devaluation is the changes in society, which modify the teaching work and as these transformations cannot be stopped, teachers themselves must start to value their training, so that society goes beyond talking about valuation to actually appreciate the teachers, so that better working conditions can reach schools.

Keywords: Valuing. Education. Work.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo conocer las formas y las razones para valorar a un docente. Su principal objetivo es considerar que la valoración del profesorado es importante para una educación de calidad. Se trata de un trabajo

qualitativo, escrito con metodología bibliográfica. La principal causa de la desvalorización profesional son los cambios en la sociedad, que modifican la labor docente y como estas transformaciones no se pueden frenar, los propios docentes deben empezar a valorar su formación, para que la sociedad vaya más allá de hablar de valoración para apreciar realmente al docente, de modo que mejores condiciones laborales pueden llegar a las escuelas.

Palabras-clave: Valorar. Educación. Trabajo.

Introdução

A epistemologia é um elemento constituinte da práxis docente, pois a educação tem por dever a promoção do conhecimento, e neste sentido, o professor é o promotor deste processo da condição humana. Para Santos (2015, p. 358), "se a Educação tem uma dimensão voltada para o fazer humano no mundo, o professor é este interlocutor quantitativo e qualitativo desta formação. Como dizem é esta a profissão das profissões".

Acredita-se que a classe dos professores é a base da sociedade, através dela são formadas todas as outras profissões. Por todas as partes do mundo, os professores criam soluções que melhoram o processo de ensino e introduzem nos estudantes o gosto genuíno pelo aprender. Desta forma, nada mais justo que reconhecer e valorizar este trabalho.

Segundo Gisele Masson (2016), as condições de trabalho, formação inicial e continuada, remuneração e carreira são três dimensões que precisam ser consideradas quando se refere à valorização de professores.

Ao pesquisar sobre a profissão docente são revelados problemas e desafios. Busca-se, portanto, apresentar neste artigo, por qual motivo deve-se valorizar os professores e ainda como assim o fazer, pois o principal objetivo é levar em consideração que a valorização do professor é importante para a garantia de uma educação de qualidade.

O trabalho docente visa o ensinamento de um conhecimento a alguém. E a responsabilidade do professor é a formação cultural do aluno, ou seja, a formação intelectual, física e moral. (LANCILLOTI, 2010 Apud SILVA,

MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 3)

O trabalho destes profissionais está sendo tema para muitos debates e investigações, devido as alterações que vem ocorrendo em sua estrutura, por conta das mudanças nas políticas públicas educacionais, das quais atingem diretamente a função do professor na escola. (SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 3)

Do mesmo modo que se discute a função e o papel do professor, levanta-se questões referentes a valorização deste profissional, pois seu trabalho sofre com reorientações voltadas a flexibilização, eficácia e avaliação dos resultados e desempenhos. (LIRA, 2013 Apud SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 3)

Ao longo do artigo, serão conhecidas as formas para valorizar os docentes, também será identificada que a valorização deles está ligada ao bom desempenho dos estudantes e, ainda, procura-se reconhecer que a falta de valorização do professor faz com que esses estudantes não escolham esta profissão.

Educação e trabalho

Esta profissão nasceu há muito tempo, e, com o passar do mesmo, foi sendo modificada conforme a época e as exigências políticas, culturais e sociais. A cada mudança, uma adaptação foi necessária. Segundo J.M. Esteve (1991), houve “um aumento das exigências em relação ao professor” e ainda aconteceu um processo de “inibição educativa de outros agentes de socialização”, principalmente das famílias, que hoje em dia sobrecarregam as escolas e os professores com responsabilidades que não são suas. Segundo este autor, foi provocado “um aumento das contradições do professor no exercício da docência”, pois integrar às escolas as diversas exigências e concepções históricas é uma tarefa difícil e torna o docente alvo constante de críticas (ESTEVE 1991, p. 99-103).

A intencionalidade deste artigo é conhecer as formas para valorizar os

docentes e relacioná-las com uma educação de qualidade. Atualmente, devido ao processo de globalização e da inserção das novas tecnologias, os professores sofrem com uma instabilidade. Segundo Vaz (2020), a identidade profissional dos educadores modificou-se. Afinal, antigamente, eles tinham estabilidade, eram considerados mestres e possuíam autonomia em seu trabalho. Hoje, por outro lado, devem assumir uma postura flexível, sem se apegar às tecnologias tradicionais, mas perpassar por espaços cibernéticos.

4

De uma maneira geral, o trabalho vem sofrendo uma precarização, e isso não é diferente no trabalho docente, podendo, inclusive, caracterizá-los como proletários, pois este

O trabalhador que não tem autonomia no que realiza devido não possuir os meios de produção, e o qual é assalariado e, portanto, vende sua força de trabalho em prol de sua subsistência. (VAZ, 2020, p.10)

Segundo Vaz (2020), o sistema educacional foi afetado pelo impacto que a sociedade sofreu devido às novas formas de organização e gestão do sistema produtivo do qual se incorporou com a ciência e a tecnologia. Essas transformações exigem da escola e dos seus profissionais uma nova maneira de organização e assimilação. (SOUZA & RAMALHO, 2012 apud VAZ, 2020, p.3)

As novas tecnologias devem ser vistas como objeto de transformação social. Estas levaram a sociedade sofrer algumas mudanças, das quais fizeram os professores mudar de contexto, tendo que se adaptarem, e isso ocasionou uma modificação no trabalho docente. Os professores tornaram-se, portanto multifuncionais, com uma jornada de trabalho intensificada, precária e desqualificada.

Nos dias atuais, os professores assumem uma carga horária muito grande, com uma jornada de trabalho cansativa, e isso é prejudicial no que tange a qualidade da educação, "(...) pois mesmo que não seja conscientemente, o professor não consegue dar conta de tal carga horária

e há possibilidade de deixar adesejar na qualidade de suas aulas". (DUARTE, 2008 apud VAZ, 2020, p. 12)

Como já citado, o professor tornou-se um sujeito flexível, e essa flexibilização vem acompanhada de um discurso referente a melhoria na qualidade de educação, porém na realidade o que está sendo enraizado é a intensificação do trabalhado docente. (APPLE, 1995 apud VAZ, 2020, p. 13)

O processo de intensificação do trabalho vivido pelos docentes das escolas públicas brasileiras na atualidade pode, além de comprometer a saúde desses trabalhadores, pôr em risco a qualidade da educação e os fins últimos da escola (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p.367)

Com essa intensificação, os professores sofrem uma crise na profissão, podendo ser considerados objetos das reformas educacionais, das quais objetivam diminuir as distâncias sociais, mas na verdade, implementam formas de segregação e exclusão. No âmbito escolar, as reformas aumentam as responsabilidades dos professores sobre sua formação, fazendo-os buscar constantemente requalificação.

Todavia, quando os docentes buscam por melhoria profissional, deparam -se com dificuldades, seja pela falta de apoio ou pelo reconhecimento social. Argumenta-se que

Não obstante as significativas transformações no que tange à necessidade de formação dos docentes, no que diz respeito às concepções sobre a docência e apesar das constantes oscilações no curso da história do magistério (algumas visivelmente positivas, ao passo que outras nem tanto), nota-se, com certa clareza, que o docente atual ainda enfrenta muitos (senão quase todos e os mesmos) problemas com os quais o ofício de ensinar nasceu (SÁ; NETO, 2016, apud PIRES, 2021, p.20)

Para Marla Pires (2021) "a formação docente envolve outros paradigmas importantes para a adequação e valorização do magistério", a

autora considera que durante sua formação, os professores recebam um ensino com amplitude, que trate de aspectos políticos, históricos e culturais, “para que acima de tudo esse profissional seja crítico e saiba reconhecer e lutar contra as injustiças sofridas nessa profissão que é tão menosprezada”.

Em um contexto geral, a educação brasileira sempre teve a formação de professores precária, o que reflete também na precarização do ensino-aprendizagem. Desde o período Colonial, quando quem regia o ensino eram os padres jesuítas até os dias atuais.

Uma formação adequada, efetivaria de certo modo uma valorização do docente, porém não somente este seria beneficiado, conseqüentemente os alunos e a comunidade escolar receberiam ganhos. Por isso, acredita-se ser imprescindível uma formação de qualidade para todos professores. Saviani (2009, p. 08) explica que “[...] a formação profissional dos professores implica, pois, objetivos e competências específicas, requerendo em consequência estrutura organizacional adequada e diretamente voltada ao cumprimento dessa função”. (Apud PIRES, 2021, p.20)

Atualmente, além da precariedade em sua formação, os docentes sofrem com a sobre carga de horários e tarefas, as quais fizeram com que as condições de trabalho do professor declinassem, tanto pela desvalorização da profissão, quanto pela criação de novas funções.

Executar outras tarefas durante o curso da ação principal, atender o aluno individualmente e controlar a turma coletivamente e preencher múltiplos instrumentos e formulários de controle são dimensões da intensificação do trabalho que implicam regular com urgência. Situações de sobreposição de tarefas podem explicar o cansaço físico, vocal e mental docente. (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 361)

O perfil profissional do trabalhador docente mudou devido às mudanças ocorridas no mundo do trabalho e vem desencadeando um processo de precarização, com acréscimo de atribuições, jornada de trabalho dupla ou tripla, além do desempenho do trabalho de forma alienada, alimentando o sentimento de fracasso e sensação de culpa por

não dar conta de tantas atividades.

Com todas essas modificações, os cursos de licenciatura sofreram com uma baixa procura de egresso do ensino médio e aumentou consideravelmente o número de evasão. Um estudo feito por Adachi (2009) descobriu que, para além do salário, outros elementos são contribuintes para essa evasão, como:

Baixo prestígio da profissão, baixos salários, dificuldades financeiras dos estudantes para permanecerem no campus, qualidade pedagógica dos docentes, pouca atratividade dos cursos, currículos inchados, repetitivos e desarticulados, distanciamento entre teoria e prática, matematicidade dos cursos, baixa qualidade do ensino médio (ADACHI, 2009 Apud SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 7)

Todos os elementos citados acima vêm contribuir para a mobilidade, quiçá para a exclusão e, portanto, necessitam de adequação.

Desvalorização do professorado

A Constituição brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996 enquadraram a educação com um direito fundamental, porém o governo do país passou a negligenciar seu compromisso com a educação devido aos "(...)processos de flexibilização das condições de trabalho docente e mercantilização do ensino" (OLIVEIRA; PIRES, 2014 Apud SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 5)

O sistema capitalista propaga a ideia de que se vive em uma sociedade igualitária e livre em que todos têm as mesmas oportunidades, mas esta é uma realidade ilusória, pois as relações de força e poder são desiguais e estão bem centralizadas. Segundo Pires (2015, p.26), para isso continuar acontecendo "é utilizado uma estratégia para que a educação siga a serviço do capitalismo, de forma que o sistema educacional prepare o indivíduo para o mercado de trabalho".

As mudanças impostas pelo capitalismo relacionam-se diretamente

com a educação contemporânea.

As exigências como são expressas reduzem a autonomia dos profissionais, haja vista que o modelo adotado por governos nem sempre comprometidos com o conhecimento, em geral impõem às escolas seguir um modelo imposto, pré-estabelecido por pessoas que nem sempre são da área educacional. A retirada da autonomia precariza a educação, pois o educador não tem liberdade para desempenhar seu trabalho de acordo com a realidade de seus alunos. Isso então gera um efeito no qual se atribui ao professor a precariedade da aprendizagem. Nesse sentido, vale o questionamento: qualé o real papel social docente na sociedade? (PIRES, 2021, p.25)

8

A globalização interfere no papel social do docente, pois exige mudança na organização dos processos produtivos, proporcionando um ensino que não possibilita ao estudante seu reconhecimento com ser histórico, capaz de romper estruturas alienantes presentes no âmbito social, tampouco os estimula a superarem as desigualdades sociais e a contradição entre trabalho e capital.

As mudanças ocorridas no sistema e na sociedade, com relação às práticas pedagógicas, afetam na valorização social do docente. Pode-se dizer que é perdido “o status social e cultural, paralelamente à desvalorização salarial”. Esse acontecimento é seguido de “mudanças nos conteúdos curriculares e pela escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho”. Segundo o autor, “o ensino de qualidade, hoje em dia, é mais fruto do voluntarismo dos professores do que consequência natural de condições de trabalho adequadas às dificuldades reais e às múltiplas tarefas educativas” (ESTEVE, 1991, p. 103-107).

Para o autor Westerley Santos (2015, p. 350), é possível destacar alguns tipos de desvalorização do professor, que demonstram “a urgência de políticas governamentais de valorização da docência e do professor”. O primeiro seria o econômico ou salarial, que atinge diretamente o profissional e sua família, pois acaba colocando em risco a subsistência, porque

Inviabiliza economicamente sua ascensão social, restringe o acesso aos bens culturais, ao lazer, aos bens de necessidade imediata, material de consumo e principalmente, no caso dos professores, é impeditivo à obtenção de novos conhecimentos necessários ao aprimoramento pessoal e profissional. (SANTOS, 2015, p. 351)

Os baixos salários dos docentes estabelecem uma estagnação na carreira do magistério, pois impedem que estes profissionais se desenvolvam profissionalmente e os obriga a encerrar uma jornada, dupla ou tripla de trabalho, dificultando o acesso às novas tecnologias, desta forma, desqualificando a profissão.

Para muitos, uma das principais formas de desvalorização dos professores, são os seus baixos salários. Segundo uma pesquisa realizada em 2015,

Verificou-se que independentemente do indicador, quando comparada à média salarial de profissionais com nível superior, os professores recebem salários inferiores aos profissionais do setor privado e bastante inferiores aos demais servidores públicos (JACOMINI, ALVES & CAMARGO, 2015, p.21)

Ao longo dos tempos a educação passou a ser vista como custo e não mais como investimento, congelando o salário dos professores, o que conseqüentemente gerou um vasto abandono da carreira, pois os docentes passaram a procurar outras atividades que apresentassem ganhos financeiros maiores.

Barbosa (2011) apresentou um estudo referente aos impactos do salário docente, em que concluiu que uma das principais conseqüências dos baixos salários é a queda na qualidade da educação, pois para compensar a remuneração, muitas vezes, o professor assume uma jornada de trabalho maior, e como a docência requer um "tempo extraclasse para a realização de tarefas como preparação das aulas, correção das provas e atividades dos alunos", estas atividades ficariam comprometidas. (BARBOSA, 2015, Apud SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 07)

Outro tipo de desvalorização, citado por Santos (2015, p. 353), é a desvalorização social ou do desprestígio social, que está ligada diretamente como tipo econômico, pois “no caso do professor a desvalorização cresce na medida da degradação provocada pelo tipo de desvalorização econômica”.

Pode-se considerar que atualmente os professores sofrem um desprestígio social, porque possuem salários baixos e falta de reconhecimento. Para Maurina da Silva (2014)

10

A desvalorização do professor permite questionar afinal, quem desejaria abraçar uma carreira tão desprestigiada socialmente? É possível que se viva uma crise por falta de profissionais para o trabalho educacional pelo desinteresse ou pela desistência da profissão (SILVA, 2014, p.3-4).

A classe trabalhadora de professores encontra-se em constante descontentamento com a falta de incentivos. Segundo Janaina Spolidorio (2018), esse é um déficit geral,

Não somos incentivados na faculdade, porque temos um tipo de formação deficitária, que já vem de muito antes de decidirmos pela área da educação. Não somos incentivados a pensar além daquilo que fomos treinados para fazer e muitas escolas também contribuem para que continue assim (SPOLIDORIO, 2018).

E, além disso, para a autora, os próprios docentes não valorizam seus títulos e suas formações, pois os mesmos “se intitulam de modo desvalorizado, sem dar os créditos necessários à sua formação”. Outro ponto salientado por ela é que a formação escolar dos alunos deveria ser a peça que recebesse dedicação dos docentes e ao invés disso eles devem-se “voltar a outras questões, inclusive burocráticas e desnecessárias”. (SPOLIDORIO, 2018).

Encontra-se, portanto, outro tipo de desvalorização profissional considerado por Santos (2015, p.354), o psicológico ou da autodesvalorização. Ocorre quando o “próprio profissional perde o sentido

e o significado de sua função profissional". Este tipo é causa e consequência da perda de identidade profissional.

Por força mercadológica temporal, algumas profissões, passaram a ser obsoletas, ou seja, não foram mais solicitadas pelo mercado, ou então, perderam sua necessidade. Diante disso, outro tipo de desvalorização profissional, para Santos (2015, p.355), é o da obsolescência.

11

No caso do professor, ainda não há a obsolescência, pois ainda há mercado, há demanda, o que está em baixa é a procura pela profissão. Deste modo, já se sente o déficit de professores em diversas áreas do conhecimento, Física, Química e Biologia, são exemplos. A baixa procura pela docência gera uma queda na oferta destes profissionais pelas Universidades.

Para os autores Osni da Silva, Theresinha Miranda e Miguel Bordas, "os professores e entidades representativas" devem reivindicar continuamente a "valorização profissional perante a sociedade, resgatando o interesse que outrora existia nos jovens em ser professor". (SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 12)

A educação como um todo, notoriamente sofreu uma mudança de paradigma, o que antes era vista "como direito imutável e fundamental do ser humano e deverdo Estado para com seu povo" transformou-se em "um serviço que pode simplesmente ser terceirizado e regulado pelo mercado". (SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 10)

O docente perdeu seu tempo livre, que era destinado ao lazer, aos familiares, aos estudos, ao aprimoramento e à qualificação, devido às atribuições que lhe são impostas. As tarefas diárias do trabalho são tantas que contaminam a vida pessoal, "de tal forma que deles não consegue esquecer, mesmo que queira" (CURY, 2006, SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 10)

Sem dúvida, a educação no país seria diferente se os docentes dedicassem seu tempo, trabalho e esforço para aquilo que realmente

deveriam, ou seja, o ensino do aluno. Atualmente, os professores exercem várias funções, e se pode culpar a nossa cultura, que impõe, para estas profissionais preocupações maiores do que apenas a educação formativa de seus alunos.

E, ainda assim, mesmo assumindo mais do que a sua função, o professor não é uma figura respeitada e valorizada, nem pela sociedade e nem pelo governo, que, com sua reforma trabalhista, fez modificações, incluindo o aumento na exigência de tempo em serviço. Para J.D Krein e Ana Paula Colombi (2019),

As mudanças introduzidas pela reforma trabalhista, [...] visam flexibilizar a utilização do tempo de trabalho, as formas de contratação e de remuneração, além de fragilizar as instituições de proteção e individualizar os riscos, submetendo os trabalhadores a trajetórias profissionais cada vez mais instáveis e inseguras. Ao dificultar o acesso ao assalariamento seguro, a reforma trabalhista configura-se como um instrumento de desconstrução dos direitos sociais (KREIN & COLOMBI, 2019, p.13).

As condições de trabalho docente estão deterioradas, pois estes profissionais estão com carga horária excessiva, o que gera uma gradativa desvalorização da profissão comparada com outras e perante a sociedade. De acordo com Tostes e seus colaboradores,

A desvalorização do trabalho do professor se traduz pelo desrespeito por parte dos alunos, baixos salários, carga de trabalho exaustiva, alto número de alunos por classe e pressão por metas de produtividade, fatores responsáveis pelo intenso sofrimento docente. (TOSTES et al, 2018 Apud SILVA, MIRANDA & BORDAS, 2019, p. 11)

Os professores devem fazer investimentos em sua formação, capacitarem-se não só profissionalmente, mas também emocionalmente, além de elaborarem planos de aula, fazerem correções, participarem de conselhos e reuniões, ou seja, há um trabalho extraclasse intenso. Todavia, essa sobrecarga de trabalho é desconhecida ou então ignorada. A

sociedade ao não desconstruir a ideia de que as práticas docentes não se dão apenas em sala de aula, perpetuará a desvalorização destes profissionais.

Como já se sabe, conforme o contexto histórico, a carreira do magistério sofre mutações, todavia o seu papel, em todas é reconhecido como essencial para as relações de ensino-aprendizagem, que tem por função a inserção de indivíduos civilizados na sociedade. Porém, mesmo que o papel docente seja consolidado, o reconhecimento coletivo sobre ele fica longe das reais funções e importância.

Dom Pedro II, Imperador brasileiro por quase cinquenta anos, afirmou: “Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro”. Todavia, desde aquela época, os discursos referentes as importâncias da docência não encontravam o eco social necessário. Desde os tempos do imperador até os dias atuais, ou seja, mais de 200 anos, a valorização docente não evoluiu, pelo contrário, está em declínio constante.

Pode-se considerar que a desvalorização é histórica e vem por anos acompanhada de uma resenha “(...) que diz respeito à problemática das condições de atuação docente, o que traduz alguns traços de um dilema estrutural brasileiro promotor de consequências árduas”. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017, p. 61)

Essa falta de reconhecimento reflete em “abandonos” de carreira, que desencadeiam uma sequência de atitudes prejudiciais a qualidade da educação, como faltas constantes e expressivas licenças médicas, as quais resultam na desconstrução do envolvimento com os discentes.

Além do desprestígio de maneira geral, também cabe salientar o ambiente de trabalho deste profissional. Ademais de um bom salário, o professor necessita de um lugar propício para executar suas funções, ou seja, com oferta de materiais didáticos e boas condições de infraestrutura.

O espaço físico da instituição escolar é uma questão de extrema importância, pois influencia no processo de aprendizagem dos discentes e

também no desempenho de todos os funcionários da escola. Um ambiente preparado e com condições de trabalho adequadas contribui para o processo de ensino aprendizagem, porém as instituições escolares não possuem investimentos e apresentam uma infraestrutura inadequada.

Deve-se ponderar que a instituição escolar é um local rico em diversidade e deve ser considerada um local importante de inserção social. Para Marla Pires (2021, p.23), “é um espaço onde se aprende não somente conteúdos científicos, mas a conviver com as diferenças, e com pessoas diferentes”. Ainda para a autora, as relações vividas dentro da escola preparam o indivíduo para o convívio social, pois são ensinados não só conteúdos disciplinares, mas também a respeitar as diferenças.

A realidade das escolas públicas brasileiras não condiz com as exigências para uma educação de excelência. É notório o descaso do poder público:

A exemplo de salas de aulas que são inundadas pelas chuvas que invadem um prédio destelhado ou com telhas furadas, sem manutenção alguma, com lousas arcaicas e cheias de deformidade, causada pelo tempo e descuido. Até mesmo o giz, recurso indispensável, pode faltar. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017, p. 62)

Considera-se que a desvalorização do magistério sinaliza um desleixo social, principalmente por parte do Estado,

O qual, ao passar dos anos e das crises que afetam o sistema público, sobretudo o de ensino, apoia-se sobre as metas e projetos legais oriundos de uma política estritamente formal, ou seja, uma política para a educação que não se efetiva em sua totalidade concreta e que convém aos interesses do sistema e não às reais necessidades do “chão da escola”, onde imperam as demandas mais urgentes e onde o professor desprestigiado atua por uma educação de qualidade. (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017, p. 63).

O cenário atual da educação brasileira está em crise, cada dia que passa, menos se olha para o professorado. Sofre-se com uma péssima

gestão de presidência, que não se preocupa com a educação, nem com os estudantes, tampouco com os professores, não cria soluções para melhoria na qualidade, bem pelo contrário, ao longo de seu tempo frente ao mais alto cargo político brasileiro, fez vários cortes de recursos e nomeou ministros que causaram retrocessos que demorarão para serem recuperados.

A forma com que a educação foi construída, no Brasil, seguindo modelos e representações de outros países não condiz com a realidade social, econômica e cultural brasileira, sendo assim, a educação nacional é contraditória e cheia de lacunas. (PIRES, 2021, p. 20-21)

15

O panorama atual, vivenciado pelos educadores das escolas públicas do país, se opõem ao que está descrito nos incisos 5 e 6 do artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, que trata sobre planejamento, avaliação e período de estudos, incluídos na carga horária dos docentes, e também aborda as condições adequadas de trabalho, a fim de efetivar uma valorização desta profissão.

Além das variadas maneiras que o professorado sofre, ainda lhes cabe a culpa por tudo aquilo que no sistema educacional não funciona de maneira correta.

Eles são responsabilizados pela profunda crise dos sistemas escolares e lhes é atribuída a culpa pelas péssimas condições de aprendizagem dos alunos e alunas, pelas altas taxas de repetência, pelas escassas oportunidades de inserção no trabalho para os recém-saídos do sistema escolar, pela violência dentro e fora das escolas e pela falta de participação cidadã nas questões mais relevantes que nossas sociedades devem enfrentar. (GENTILI, 2008 apud LUCYK; GRAUPMANN, 2017, p.15)

Busca-se a compreensão de que a educação é um grande meio para as melhorias da sociedade, porém mesmo que a educação seja concebida como principal via de acesso ao avanço socioeconômico de um país, não pode sob ela recair a missão de salvar o mundo,

A educação, não dispõe da química necessária para mudar o mundo, embora possa contribuir com a formação dos corações e mentes daqueles que se disponham a lutar para fazer dele um espaço mais humano, mais justo e solidário, mais digno e igualitário. Carlos Rodrigues Brandão disse uma vez: “A educação não transforma a sociedade, mas, talvez, possa mudar as pessoas, e por isso ela vale a pena”. A educação constitui nossa oportunidade de aprender juntos a interpretar o mundo, compreendê-lo; nossa possibilidade de compartilhar uma experiência de aprendizagem, onde convivam e se enriqueçam múltiplos sentidos e intermináveis respostas sempre inconclusas; nossa oportunidade de lutar pela socialização do acesso ao saber historicamente acumulado e socialmente produzido, evitando assim seu monopólio provado e a alienação de seus benefícios; (GENTILI, 2008 apud LUCYK; GRAUPMANN, 2017, p.15)

Cabe a escola, realizar a educação que o discente desenvolve durante a vida, ela não tem função salvacionista e tampouco tem a capacidade de corrigir os erros e, conseqüentemente, as injustiças que o sistema capitalista impôs à sociedade, esta por sua vez, não consegue separar o fracasso da educação e a crise que a mesma vive da figura docente.

Para Santos (2015), a desqualificação e/ou a degenerescência são consideradas outro tipo de desvalorização profissional, este tipo retira da profissão seu valor intrínseco, atingindo a sua natureza. Considera-se gravíssimo, pois a profissão sustenta-se em bases axiológicas.

É o valor que a profissão de professor promove em sua práxis, que a faz valorativa e valorada. E, é o elemento qualidade, implícito a esta profissão que lhe confere o valor, retirar ou mitigar o elemento que a qualifica, é descaracterizar sua natureza, sua essência. (SANTOS, 2015, p. 356)

Como desfecho, concorda-se com os autores Souza; Brasil; Nakadaki, (2017) que reconhecer a atuação do professorado e oferecer a este profissional “um espaço digno para poder exercer seu papel”, é um direito inquestionável (p.63). Ademais, é necessário que seja revisto e haja um ajuste

em “nível econômico, social e político frente às demandas do atual professor brasileiro, agente de transformação social e sujeito elementar dos processos educativos” (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2017, p. 63).

Considerações finais

Considerando a desvalorização profissional dos docentes, conclui-se que a principal causa é a mudança na sociedade, que afeta diretamente o trabalho docente, que modificaram o perfil profissional desses professores, impuseram tecnologias, aumentaram a carga horária, entre tantas outras situações.

Atualmente, os professores sofrem um desprestígio social, devido aos seus baixos salários, além de viverem uma crise de identidade e uma precarização, por conta das poucas condições de trabalho.

Para Santos (2015), pode-se considerar que o docente precisa ser valorizado por ele, pelos Governos e pela sociedade, para que assim exerça o desafio da sua profissão, que se relaciona com a contribuição para o processo de humanização dos indivíduos. Para ele, a qualidade da educação inicia pela excelência da profissão docente, que pode ser considerada um ato político e social.

Diante disso, afirma-se que a qualidade no ensino, quando acontece é devido ao voluntarismo dos professores e quando não acontece é por sobrecarga, falta de recursos, de estrutura, de formação adequada, etc.

Refletindo sobre as formas e os motivos de valorizar um professor, acredita-se que a sociedade deve parar de apenas falar em desvalorização e começar a efetivá-la, pois para atingir uma valorização maior, como maiores recursos e aumento salarial, a valorização deve começar pelos próprios docentes, que devem enaltecer seus títulos e suas formações e, no decorrer, deverá vir através dos pais, alunos e da comunidade escolar.

Referências

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. **Educação e Sociedade**. Vol.30, n.107, 2009.

ESTEVE, J. M. **Mudanças Sociais e Função Docente**. Lisboa: Escher, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JACOMINI, Márcia Aparecida; ALVES, Thiago & CAMARGO, Rubens Barbosa de. **Plano Nacional de Educação e remuneração docente: desafios para o monitoramento da valorização profissional no contexto da meta 17**. Florianópolis, 37ª Reunião Nacional da ANPEd, 2015. Disponível em <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT05-4065.pdf>> Acessado em 23 mar. 2021.

KREIN, J.D. & COLOMBI, Ana Paula F. **A reforma trabalhista em foco: Desconstrução da proteção social em tempos de neoliberalismo autoritário**. Educ. Soc., Campinas, v.40, e0223441, 2019.

LUCYK, V.P.K, GRAUPMANN, E.H. Desvalorização do Trabalho Docente Brasileiro: Uma Reflexão de seus Aspectos Históricos. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.7, n.20, p.11-27,2017.

MASSON, Gisela. **A valorização dos professores e a educação básica nos estados**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 18, p. 157-174, jan./jun. 2016.

PIRES, Marla Moniely de Souza. **Trabalho docente e desvalorização do profissional da educação no Brasil**. Goiânia, 2021.

Retratos da Escola / Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce) – v.10, n.18, jan./jun. 2016. – Brasília: CNTE, 2007.

SANTOS, Westerley A. Uma reflexão necessária sobre a profissão docente no Brasil, a partir dos cinco tipos de desvalorização do professor. **Sapere Aude** – Belo Horizonte, v.6 - n.11, p.349-358 – 2º sem. 2015.

SILVA, Maurina P.G.O. **A silenciosa doença do professor: burnout, ou o malestar docente**. Guarujá, 2014. Disponível em <<https://www.unaerp.br/revista-cientifica-integrada/edicoes-antteriores/edicao-n-2-2014-1/1464-161-454-1-sm/file#:~:text=Este%20mal%20Destar%20leva%20ao,que%20se%20denominou>>

de burnout. > Acessado em 28 mai. 2021

SILVA, O.O.N. da; MIRANDA, T. G; BORDAS, M.A.G. Condições de trabalho docente no Brasil: ensaio sobre a desvalorização na educação básica. **Jornal de Políticas Educacionais**. V. 13, n. 39. Novembro de 2019.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SOUZA, J.B.R. de; BRASIL, M.A. de J. S.; NAKADAKI, V.E.P. **Desvalorização docente no contexto brasileiro: entre políticas e dilemas sociais**. Ensaios Pedagógicos (Sorocaba), vol.1, n.2, mai./ago. 2017, p.59-65

SPOLIDORIO, Janaína. **Por que o professor é desvalorizado?** Centro do Professor Paulista, São Paulo, 30 jul. 2018. Disponível em <<https://www.cpp.org.br/informacao/ponto-vista/item/12764-por-que-o-professor-e-desvalorizado>> Acessado em 20 abr. 21

VAZ, Bárbara Regina Gonçalves. **O processo de trabalho docente no contexto das políticas públicas educacionais para formação docente em educação a distância: precarização**. Anais | VI Encontro Humanístico Multidisciplinar – EHM e V Congresso Latino Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares – CLAEHM. Novembro, 2020, Online.